
O jornalismo ambiental e os campos discursivos da Amazônia: o caso da extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados.¹

Fabício FONSECA ÂNGELO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ)

Resumo

A pesquisa analisou matérias que abordaram a extinção da Reserva Nacional do Cobre e Associados (Renca) produzidas pelos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, The Guardian, entre agosto de 2017 a setembro de 2018. O objetivo foi avaliar, por meio de análise de discurso, qual a importância dada pelos veículos de comunicação a esse evento, que poderia resultar em diversos impactos no bioma Amazônia. Também foi possível analisar o alcance da preocupação desses veículos, nacionais e internacionais, com a preservação da floresta e quais os principais discursos temáticos defendidos por essas publicações.

Foram avaliados os campos discursivos, gêneros jornalísticos e o espaço que esses veículos disponibilizaram para os textos.

Palavras-chave

Amazônia; Jornalismo Ambiental; Renca; Bourdieu, gêneros jornalísticos.

Introdução

Nos últimos anos as questões ambientais têm sido amplamente discutidas pela sociedade. O desmatamento da Amazônia, a extinção de espécies de flora e fauna, as mudanças climáticas e outros temas candentes são cada vez mais debatidos nas mídias. Cabe aos meios de comunicação a tarefa de divulgar e questionar esses acontecimentos junto à população. Para Massierer (2011, p.11), com o agravamento da situação ambiental no mundo e o surgimento de várias catástrofes naturais, torna-se relevante pensar em como a ideia de meio ambiente está constantemente sendo construída e reconstruída pelo campo do jornalismo.

Esses veículos, por serem meios de comunicação que atingem muitas pessoas, trazem as mais variadas informações a respeito de fatos científicos, inclusive os ambientais. O jornalismo é, em sua essência, um compromisso que se situa na transversalidade entre vários campos do saber e a sociedade. Ele deve se colocar não só

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação Social (PUCRJ). E-mail: fabrangelo@gmail.com.

no sentido de “dar a conhecer”, mas, antes, como um convite a um espaço crítico de reflexão que atua para fortalecer a cidadania e a participação social.

Com as novas possibilidades produzidas pela internet, o jornalismo vem sendo ferramenta indispensável na propagação de novos conhecimentos e ideias. O jornalismo ambiental, voltado para a produção e disseminação de informação sobre temas focados na questão ambiental, vem ganhando espaço nos veículos tradicionais e alternativos de difusão da informação.

Este artigo vem de encontro à essas novas percepções proporcionadas pela mídia, por meio do jornalismo, especificamente o jornalismo produzido por veículos de comunicação brasileiros e internacionais.

Tendo como tema a Amazônia, maior bioma brasileiro, que engloba nove estados, o artigo se propõe a levantar discursos temáticos e a utilização de alguns gêneros jornalísticos por três jornais, dois brasileiros (Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo) e um internacional (The Guardian – Reino Unido) sobre matérias relacionadas a tentativa de extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados (Renca) ocorrida em agosto de 2017.

A Amazônia tem sido espaço de disputas discursivas quanto às suas possibilidades de geração de riquezas, devido a abundância de recursos naturais e de mitigação para as causas e consequências das mudanças climáticas.

Também é onde vivem 25,5 milhões de pessoas, entre comunidades indígenas, ribeirinhas, rurais e urbanas (AMBIENTE, 2015).

Ao escolhermos esses três jornais, analisamos alguns critérios de produção dos textos publicados sobre o tema e o discurso que compõe esse material, por meio de análise de notícias, artigos, editoriais, reportagens e entrevistas que valorizem as questões ambientais envolvendo a região amazônica e a Renca.

A Amazônia é vista hoje como um santuário da biodiversidade mundial, responsável por muitas relações biológicas que influenciam desde o clima até a estocagem de carbono. No Brasil, por muitos anos, a floresta foi vista como símbolo do lado desconhecido do território nacional. A região amazônica ocupa em torno de 3,5 milhões de quilômetros quadrados se distribuindo pelos estados do Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Pará, Tocantins, Mato Grosso e parte do Maranhão. (DINIZ; PAIXÃO, 2003). É o ecossistema que abriga a maior diversidade biológica do planeta e

segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2003) é também residência de 20,3 milhões de pessoas em 775 municípios.

Apesar da admiração mundial pelo bioma com suas florestas abundantes, grandes rios e culturas milenares de povos indígenas e tradicionais, essa imagem tão suave e perfeita da região tem sido desmantelada pelo processo de ocupação fortemente marcado pelo desmatamento, pela degradação dos recursos naturais e por conflitos sociais e violência. De acordo com Verissimo (2012), o desmatamento é relativamente recente na história da Amazônia brasileira e foi impulsionada a partir da década de 70 pelo governo federal por meio de incentivos para a ocupação e integração da região ao resto do país. De fato, até 1975, após mais de quatro séculos de ocupação, menos de 1% do território da Amazônia havia sido desmatado.

Para Marcel Burztyń

“Algumas regiões no mundo despertam particular fascinação e alimentam o imaginário popular pela imponência de sua natureza. A Cordilheira do Himalaia, as geleiras polares, o Saara são sempre lembrados, mas talvez nenhuma dessas regiões tenha sido objeto de tanta obstinação e cobiça quanto a Amazônia”. (BURZTYN, 2003, p.296)

O fato de ser a maior floresta tropical remanescente no planeta preenche o imaginário de toda a comunidade ecologizada do mundo, ao lado de outras questões globais como a perda da diversidade biológica, o efeito estufa e o buraco da camada de ozônio. A construção do paradigma ambientalista é resultado de uma longa reflexão sobre as raízes éticas e ideológicas da crise ambiental que põe em xeque diretamente o modelo de desenvolvimento capitalista, e questiona o lugar da espécie humana. (VERISSIMO, 2012).

Jornalismo e Meio Ambiente

A busca de um ambiente mais equilibrado e a responsabilidade pela manutenção dos recursos naturais vem sendo debatido e ressaltado por diversos campos do conhecimento. O Jornalismo, como atividade diretamente ligada a ações cotidianas e observadora dos acontecimentos, deve ter como uma de suas funções a interlocução entre as temáticas ambientais e a sociedade. Ao se analisar o conteúdo informativo e discursivo sobre a Amazônia em alguns dos mais importantes veículos de comunicação, esperamos obter conhecimento suficiente para entender quais critérios mais se destacam na produção e divulgação de notícias sobre a Amazônia. Também é importante entender em que campo

conceitual esse debate se dá, e quais as implicações internas e externas que determinam a produção dessa informação.

Para Bourassa, Amend e Secko (2013), a cobertura da temática ambiental é um campo jornalístico relativamente novo, tendo surgido na década de 1960, quando a crescente conscientização e questões ambientais estimularam o início do ambiente movimento. Hoje, jornalistas cobrindo o meio ambiente encontram desafios na adaptação de métodos tradicionais de a batida, enquanto lida com pressões de espaço e prazo como bem como outras demandas.

É notório que os meios de comunicação tem influência sobre o fortalecimento de debates, e são essenciais na discussão dos temas ambientais com vistas à remodelação dos exemplos de desenvolvimento e da degradação ao meio ambiente. Aguiar (2005) afirma que,

“as notícias sobre os desastres e as catástrofes ecológicas vêm ocupando, incessantemente, um maior destaque nos meios de comunicação de massa, em especial nos principais jornais diários do país. Essas mensagens jornalísticas, entretanto, constroem uma representação dos problemas ambientais que pode ser interpretada segundo as determinações configuradas pelo princípio da responsabilidade, no qual a ação da sociedade acaba sendo impulsionada por uma pedagogia política centrada no sentimento do medo coletivo”.

A cobertura de temas ambientais, que têm ramificações econômicas, políticas, sociológicas e de saúde pública, é uma atividade complexa. As notícias e reportagens do jornalismo ambiental têm pelo menos quatro características comuns: a noção de risco, temas associados a processos longos, a incerteza científica e a complexidade técnica (VILAR, 2015).

Bueno (2008, p.110) destaca que o Jornalismo Ambiental desempenha várias funções, mas três são muito importantes: a função informativa, a função pedagógica e a função política.

Seguindo pela mesma linha de raciocínio de Bueno, Girardi (2012) salienta que o modo como o jornalista se relaciona com o mundo adquire alta relevância.

De uma oferta de informação ambiental desconexa, a sociedade precisa ser confrontada com a abordagem sobre os fatores que, interligados, dão origem aos graves problemas socioambientais na construção da cidadania ambiental. Nos estudos da área, é recorrente considerar que a divulgação das notícias ambientais possibilita novas percepções sobre os impactos sentidos no dia a dia e serve como motivação para a busca de alternativas. (GIRARDI et al, 2012, p.133)

Jornalismo que lida com a questão ambiental, o jornalismo ambiental tem a importante função de requalificar o discurso ideológico, trazendo-o para um patamar onde

a difusão da informação equilibrada seja seu objetivo. Apostar, principalmente, na transversalidade da temática, dentro dos assuntos que tem mais expressão dentro das redações (BUENO, 2008).

Jornalismo em rede

Com a globalização da difusão da informação, a possibilidade de novos relacionamentos com o leitor surge, exigindo do jornalismo e do jornalista novas técnicas redacionais. O crescente desenvolvimento de novos meios de comunicação cria um espaço multimidiático que abre novos caminhos para o jornalismo. A convergência é um processo cultural que acontece na mente dos indivíduos na medida em que podem ser estabelecidas conexões entre os elementos da cultura da mídia, isto é, das mensagens que circulam nos meios de comunicação, e a realidade cotidiana. Para Martino (2015, p.35) a convergência não existe exclusivamente por conta das tecnologias – embora tenham importância para isso. A tecnologia cria as possibilidades, mas depende de outro fator para ganhar um tom mais próximo da produção humana – sua dimensão cultural.

Pesquisa da Associação Brasileira de Jornais (ANJ, 2014) aponta que em 2014, as edições impressas dos jornais brasileiros não mantiveram a tendência de crescimento da circulação paga diária média registrada ao longo de quase toda a década anterior, uma diminuição observada sobretudo nas vendas avulsas, (7,6% – de 2.192.117 para 2.025.364) e no mesmo período, as edições digitais mais que dobraram, pois registraram uma expansão de 118% (500.370), ante 228.944, no ano anterior. Em consequência, a participação das edições digitais no total de circulação auditada passou de 5,2% para 11,4%.

A notícia como construção social

Para Erbolato (1991, p.48), as notícias são a matéria-prima do jornalismo, pois somente depois de conhecidas ou divulgadas é que os assuntos aos quais se referem podem ser comentados, interpretados e pesquisados.

Pouco podemos ver, por nós mesmos, porque dependemos dos produtos da comunicação de massa para a grande maioria das informações e diversões que recebemos em nossa vida. É a afirmação de William L. Rivers e Wilbur Schramm³ que acentuam: “É particularmente evidente que o que sabemos sobre numerosos assuntos de interesse público depende enormemente do que nos dizem

³ William L. Rivers e Wilbur Schramm. *Responsabilidade na Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Bloch Editores.

os veículos de comunicação. Somos sempre influenciados pelo jornalismo e incapazes de evitar esses fenômenos. (ERBOLATO, 1991, p. 51)

Partindo para uma abordagem mais social e antropológica sobre a notícia, Tuchman (2002, p.94) defende que as notícias não espelham a realidade⁴, mas sim ajudam a constitui-la como fenômeno social partilhado, definindo e moldando os acontecimentos.

A abordagem interpretativa das notícias é mais ativa. Enfatiza a atividade dos jornalistas e das organizações jornalísticas, em vez das normas sociais, uma vez que não pressupõe que a estrutura social produz normas claramente definidas que determinam o que é digno de notícia. De modo diferente, defende que os jornalistas, que simultaneamente invocam e aplicam normas, também definem essas normas. Isto é, as noções de noticiabilidade encontram as suas definições em cada momento. (TUCHMAN, 2002, p. 94)

A produção de notícia mudou suas formas e técnicas, principalmente após uma mudança de paradigma na concepção da função dos jornais, se por todo o século XVIII, os jornais tinham uma função primordialmente político partidária, a partir do século XIX com o surgimento da *penny press*⁵, a notícia se transforma em uma lucrativa atividade para os veículos de comunicação (Traquina, 2013).

Além da comercialização da imprensa, em que a notícia é vista como mercadoria, Traquina (2013) também destaca que esse novo modelo de imprensa como ideológico ou intelectual, visto como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos.

“Ocupando um papel cada vez mais central nas sociedades cada vez mais midiáticas, o jornalismo, bem como os jornalistas, foram cada vez mais objeto de um exame minucioso, não só por parte da comunidade acadêmica, mas também por parte dos diversos agentes sociais e dos próprios cidadãos. O peso dos valores positivistas de verdade, o papel central de valores como objetividade, equilíbrio e imparcialidade dentro da própria ideologia jornalística e a crescente importância do desempenho dos media e do jornalismo o tecido social e, em particular na luta política contribuíram para uma preocupação com o desempenho dos jornalistas, em que uma questão fundamental que emerge dentro do estudo do jornalismo e se há ou não distorção da informação”. (TRAQUINA, 2001, p.58)

⁴ Referência a Teoria do Espelho que diz que as notícias são como são porque assim a realidade as determina, apresentando o jornalista com um comunicador sem interesses específicos a defender. (TRAQUINA, 2013, p.148)

⁵ Modalidade de jornalismo que surgiu nos Estados Unidos na década de 1830 para atender a demanda, o gosto e o poder aquisitivo da classe trabalhadora (working class) e imigrantes, por iniciativa de empresários que viam nessa prática um achado mercadológico e auto-sustentável, isto é, de forma a não depender, financeira e editorialmente – como o fazia a “grande imprensa” da época –, de partidos políticos (party press) (SILVA; PAULINO, 2014).

Metodologia

Foram examinadas todas as edições dos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e *The Guardian*, no período de 21 de agosto de 2017, data do anúncio da extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados (Renca), até o dia 30 de setembro de 2018.

O primeiro passo foi selecionar por meio de palavras-chave as matérias que abordavam o tema. Foram usados os termos Amazônia, Renca, Governo Federal e Mineração.

Depois foi aplicada a técnica de análise do discurso. Benetti (2007) destaca que a Análise do Discurso é especialmente produtiva para dois tipos de estudo no Jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos, justamente o que pretendemos verificar com esse artigo.

Seguindo uma metodologia utilizada por Traquina (2013), os gêneros analisados e pesquisados foram **notícias, artigos, editoriais e entrevistas**. Para a obtenção e compilação dos dados foram utilizados o software NVIVO® e o aplicativo EVERNOTE.

Para facilitar o entendimento e a relevância dos discursos explorados por cada publicação dividimos o material em quatro temáticas baseadas no conceito de Campos e *Habitus* de Bourdieu (1996, p.50).

“O social é constituído por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irreduzível à lógica que rege outros campos. O campo é tanto um "campo de forças", uma estrutura que constringe os agentes nele envolvidos, quanto um "campo de lutas", em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura”

Seguindo a lógica de Bourdieu, e ressaltando que um texto pode se enquadrar em mais de um campo, propomos a divisão das temáticas nos seguintes temas e subtemas:

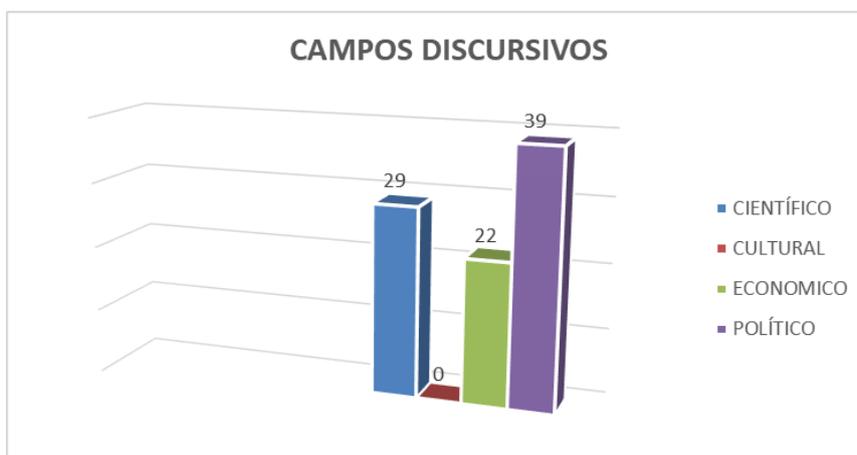
CIENTÍFICO	CULTURAL	ECONOMICA	POLÍTICO
Biodiversidade	Comunidades indígenas	Mineração	Monitoramento
Desmatamento	Comunidades ribeirinhas	Indústria Madeireira	Políticas públicas
Clima	Assentamentos	Pecuária	Executivo, Legislativo e Judiciário
Pesquisas	Posse da Terra	Agricultura	

Resultados encontrados

Ao todo foram encontrados 52 textos destacando o fato da extinção da Renca. O Estado de São Paulo apresentou 18 publicações sobre o tema, a Folha de São Paulo produziu 30 matérias, e no inglês The Guardian em quatro, o que demonstra que houve também uma repercussão internacional sobre o assunto.

Abordagem por campos discursivos

Foi possível verificar que o quesito POLÍTICO foi o mais utilizado pelos veículos estudados, possivelmente por ter sido um ato promovido pelo poder executivo sem consulta a classe pesquisadora.



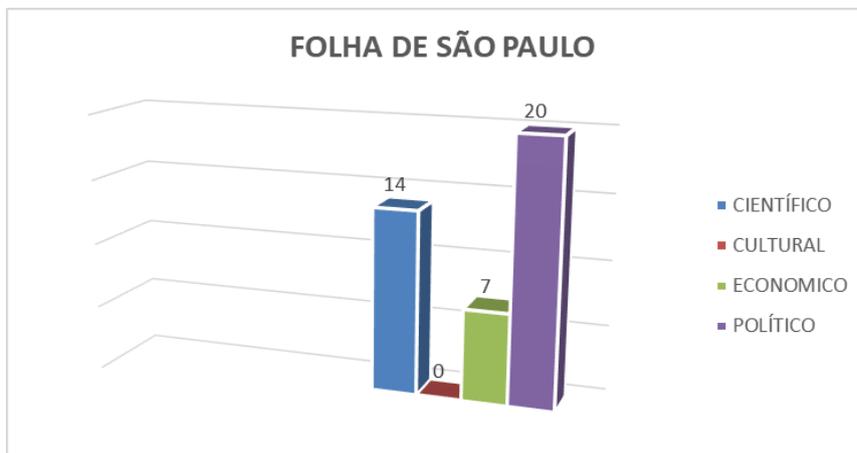
O campo Político foi abordado em 43% das matérias avaliadas. Já o campo Científico foi destacado em 33% dos textos. A Economia apareceu em 24,4% da material analisado.

Resultados por Veículos

O Estado de São Paulo deu mais destaque a matérias que envolviam entes federativos e questões políticas (39%) ao abordar a extinção da Renca. Em segundo enfatizou as questões econômicas(34%) deixando a temática científica em terceiro lugar (26%).

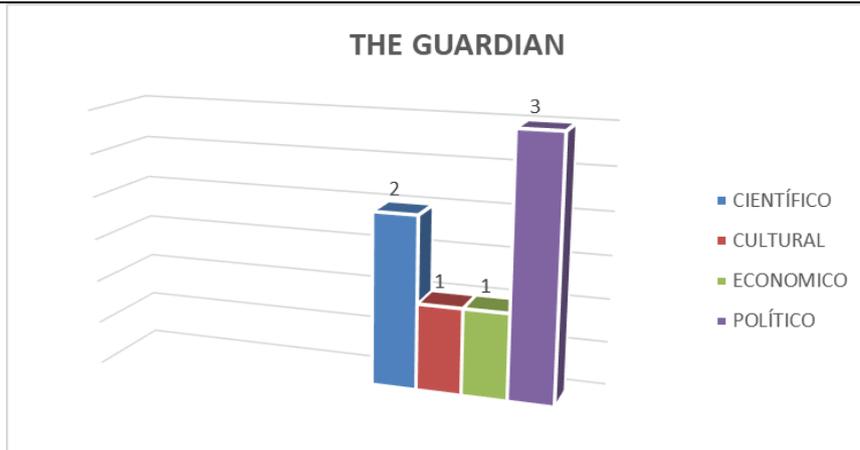


Já a Folha de São Paulo, procurou dar mais ênfase às preocupações científicas (34%) do que a questão econômica (17%), mas teve as questões políticas e jurídicas em maior destaque nas suas matérias (48%).



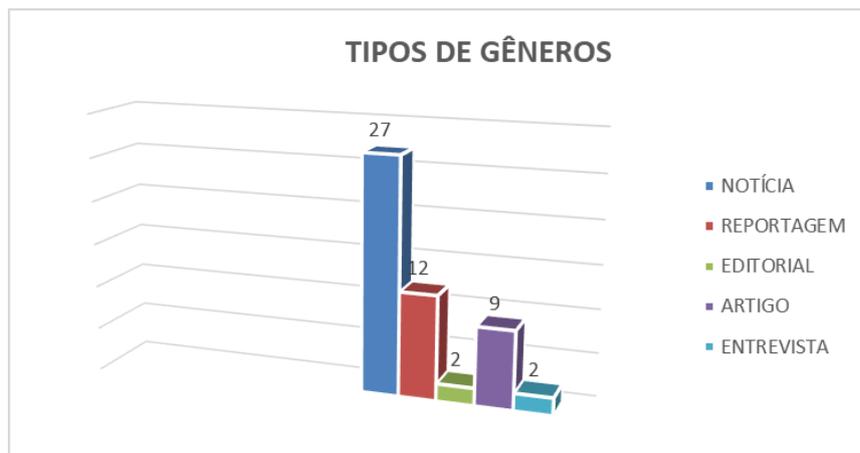
Importante ressaltar que os impactos que a extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados poderia trazer às comunidades indígenas e ribeirinhas não foi citada por nenhuma matéria publicada pelo Estado de São Paulo e Folha de São Paulo.

Assim como os jornais brasileiros, o *The Guardian* também se pautou nos reveses políticos (43%) que o assunto propiciou. Mas se preocupou mais com a questão ambiental (28%) do que com as econômicas (14,5%) e foi o único que incluiu alguns impactos que a ação poderia causar às comunidades tradicionais (14,5%) na matéria “*Land grab in Amazon jungle threatens dispossession, violence and murder*”.

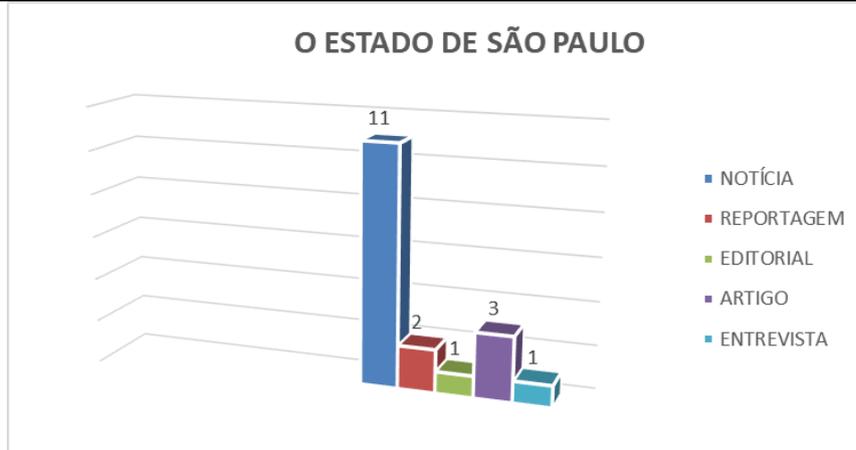


Gêneros jornalísticos por veículo

No geral o gênero **NOTÍCIA** (52%) foi o mais utilizado pelos veículos de comunicação estudados, sendo pautadas em sua maioria por fontes oficiais. Depois temos as reportagens (23 %), seguidas por artigos (18%), editoriais (3,5%) e entrevistas (3,5%).

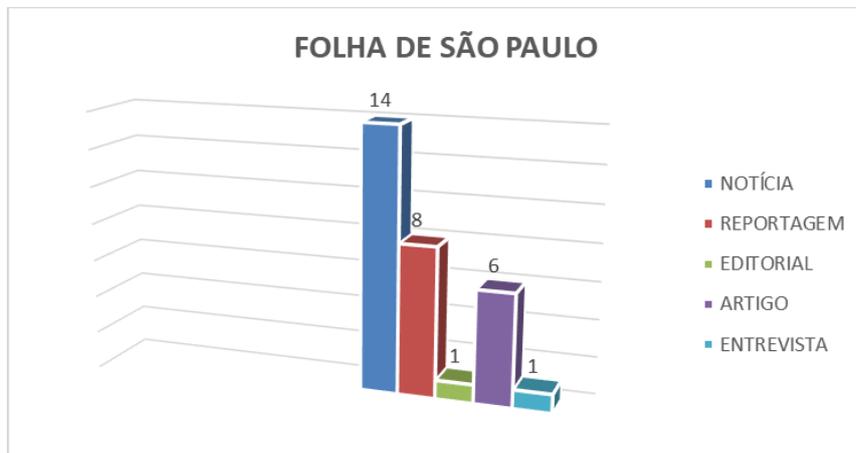


O jornal O Estado de São Paulo usou mais o gênero notícia (63%) do que qualquer outro veículo, algumas com certa profundidade. Os editoriais representaram 16 %, seguidos de reportagens (11%) e entrevista (10%),

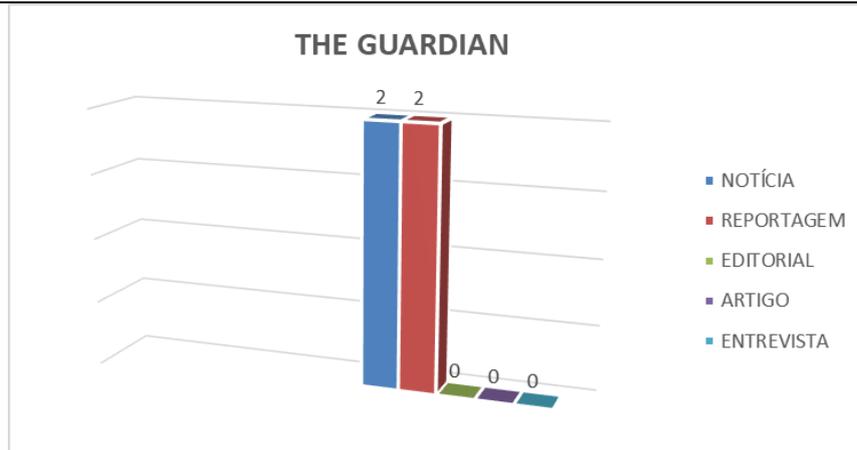


Assim como o Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo também usou a notícia como principal forma de informar os leitores (45%), mas apresentou mais reportagens (23%), inclusive uma intitulada “Quer compartilhar, mas não sabe o que é a Renca? Entenda aqui” que explica qual a função e motivações da existência da reserva.

Também apresentou um alto número de artigos opinativos (20%) em relação aos outros jornais estudados. Editoriais e entrevistas representaram 6% do total de matérias analisadas.



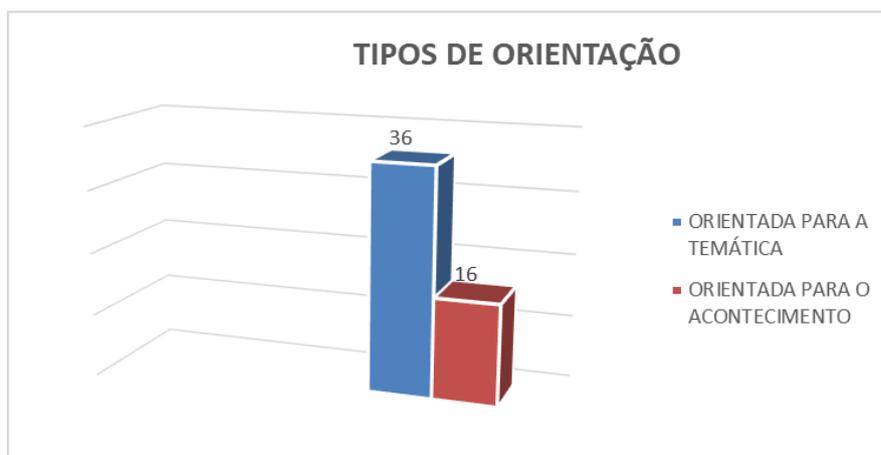
O *The Guardian* equilibrou seus gêneros, produzindo dois tipos de material para a temática. Notícias (50%) e Reportagens (50%).



Orientada para o acontecimento e orientada para a problemática

Para Traquina (2007), “a abordagem das problemáticas requer mais recursos para elaborar a cobertura de algo não definido no espaço e no tempo. Requer, ironicamente, muitas vezes, o subterfúgio do tempo para ligar a problemática à atualidade”. Nesse quesito observamos quando o tema foi o ponto principal da matéria e quando serviu de exemplo para pautas onde a temática não era o foco.

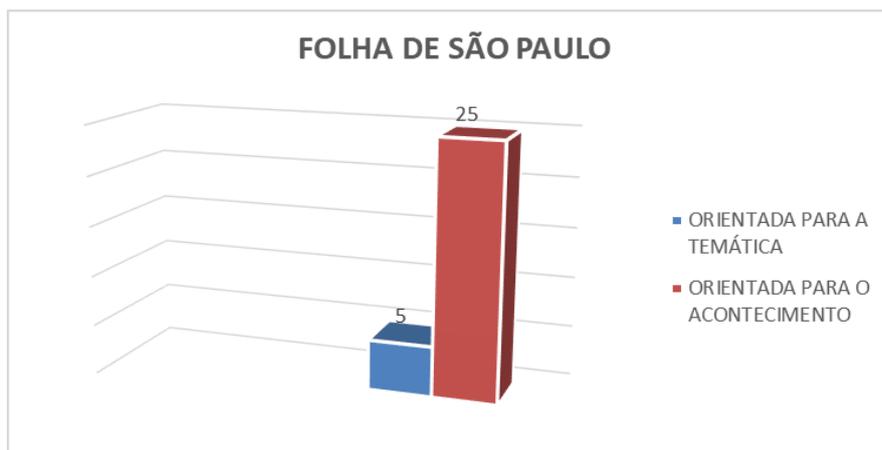
A maior parte das matérias analisadas tiveram como orientação o tema agendando (69,5%).



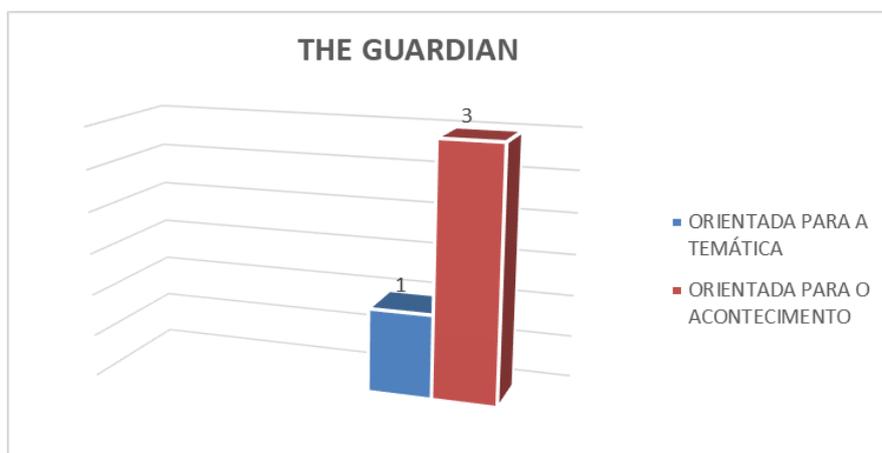
O Estado de São Paulo teve mais citações do acontecimento em matérias onde a extinção da Renca não era o fato principal. De 18 matérias, oito a Renca era o foco principal e em dez (55,5%) ela aparecia como exemplo.



Já a Folha de São Paulo investiu maciçamente no fato em si, produzindo material sobre o acontecimento e as consequências da extinção da Renca. Foram 25 textos (83%) diretamente sobre a temática proposta e cinco em que a Renca era somente parte do material.



Assim como a Folha de São Paulo, o The Guardian também destacou a fato como mote principal de suas matérias. Dos quatro materiais encontrados três (75%) tinham a extinção da Renca como tema principal e em apenas um ela apenas fazia parte do material.



Considerações Finais

Podemos afirmar que há uma preocupação internacional com as políticas públicas e intenções políticas na Amazônia.

A variação nos discursos mostram que existem muitos interesses tanto ambientais e culturais quanto econômicos e políticos.

Apesar do gênero NOTÍCIA ser considerado menos profundo, foram produzidas reportagens com o intuito de esclarecer quais as motivações para a extinção da Renca e qual a sua função tanto econômica quanto ambiental.

O alarde causado pela tentativa de extinção da Renca, uniu diversos atores sociais tanto do Brasil quanto do exterior mostrando que o bioma tem uma importância gigantesca no cenário internacional.

A diversificação dos discursos sobre a Amazônia também é compartilhada por alguns veículos de comunicação. A pesquisa mostra que o discurso da preservação de biodiversidade e comunidades locais são mais fortalecidos pela mídia internacional. Já no Brasil há um equilíbrio na disseminação desses valores.

Fica claro que é imprescindível que o jornalismo seja o difusor dessas dicotomias que envolvem a Amazônia, sempre de maneira equilibrada e isenta.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1 - 17. CD-ROM.

ANJ. Associação Nacional de Jornais: Audiência. 2014. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/home-teste/a-industria-jornalistica/>>. Acesso em: 18 out. 2015.

AMBIENTE, Ministério do Meio. **População e desenvolvimento sustentável na Amazônia**. Brasília: Unfpa, 2015. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/amazonia1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BENETTI, Marcia. **Análise do discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 3. ed. Petropolis: Vozes, 2007. p. 107-122.

BOURASSA, Emily; AMEND, Elyse; SECKO, David M. **A thematic review and synthesis of best practices in environment journalism**. Journal of Professional Communication, Montreal, v. 1, n. 3, p.39-65, out. 2013.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo ambiental: explorando além do conceito**. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (Org.). *Jornalismo Ambiental: Desafios e reflexões*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. p. 105-118.

BURSZTYN, Marcel. **Alguns temas da questão setentrional: contribuição ao debate sobre um projeto para a Amazônia brasileira**. In: SAYAGO, Doris; TOURRAND, Jean-fraçois; BURSZTYN, Marcel. *Amazônia: Cenas e cenários*. Brasília: UNB, 2003. p. 295-318.

DINIZ, Amarildo; PAIXÃO, Norma. **Apostila de Conhecimentos específicos: IBAMA**. São Paulo: Editora Central de Concursos, 2003.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. 316 p.

GIRARDI, Ilza Marinho Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de (Org.). **Ecos do Planeta: Estudos sobre informação e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Ufrgs Editora, 2011.

MASSIERER, Carine. **As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente**. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de. *Ecos do Planeta: Estudos sobre informação ambiental e jornalismo ambiental*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2011. Cap. 2. p. 11-30.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2001. 208 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

TUCHMAN, Gaye. **As notícias como uma realidade construída**. In: ESTEVES, João Pisarra. *Comunicação e sociedade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. p. 93-106.

VERISSIMO, Adalberto. **Amazônia brasileira: desenvolvimento e conservação**. In: TRIGUEIRO, André. *Mundo Sustentável 2: Novos rumos para um planeta em crise*. São Paulo: Globo, 2012. Cap. 5. p. 203-207.